intrínseca

O HOMEM SEM ROSTO

A IMPROVÁVEL ASCENSÃO DE VLADIMIR PUTIN

MASHA GESSEN

O HOMEM SEM ROSTO

A IMPROVÁVEL ASCENSÃO DE VLADIMIR PUTIN

Masha Gessen

Tradução:
Maria Helena Rouanet

intrínseca

Copyright © 2012 by Masha Gessen
Pós-escrito © 2014 by Masha Gessen
Prefácio © 2022 by Masha Gessen

TÍTULO ORIGINAL
The Man Without a Face: The Unlikely Rise of Vladimir Putin

TRADUÇÃO DO PREFÁCIO, POSFÁCIO E PÓS-ESCRITO
Dafne Skarbek

PREPARAÇÃO
Dafne Skarbek
Victor Almeida

REVISÃO
Rayana Faria
Fábio Gabriel Martins

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Alex Merto

FOTO DE CAPA
© STEPHANE LAVOUE/PASCO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G332h

Gessen, Masha, 1967-
O homem sem rosto : a improvável ascensão de Vladimir Putin / Masha Gessen ; tradução Maria Helena Rouanet. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
368 p. ; 23 cm.

Tradução de: The man without a face : the unlikely rise of Vladimir Putin
Inclui índice
ISBN 978-65-5560-418-4

1. Putin, Vladimir Vladimirovich, 1952-. 2. Rússia (Federação) - Presidentes. 3. Rússia (Federação) - Política e governo - 1991-. I. Rouanet, Maria Helena. II. Título.

22-78576 CDD: 947.0862092
CDU: 94:32(470+571)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Prefácio à edição de 2022 7
Prólogo 13
Um. O PRESIDENTE ACIDENTAL 23
Dois. A GUERRA ELEITORAL 35
Três. A AUTOBIOGRAFIA DE UM DELINQUENTE 56
Quatro. UMA VEZ ESPIÃO... 86
Cinco. UM GOLPE E UMA CRUZADA 116
Seis. O FIM DE UM REFORMADOR 147
Sete. O DIA EM QUE A MÍDIA MORREU 162
Oito. O DESMORONAR DA DEMOCRACIA 194
Nove. O DOMÍNIO DO TERROR 216
Dez. AMBIÇÃO INSACIÁVEL 245
Onze. DE VOLTA À URSS 281
Epílogo: Uma semana em dezembro 293
Posfácio 315
Pós-escrito: abril de 2014 331
Agradecimentos 341
Notas 343
Índice 359

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2022

Em 20 de agosto de 2020, Alexei Navalny passou mal num voo entre a cidade siberiana de Tomsk e Moscou. O avião fez um pouso de emergência em Omsk. Navalny foi hospitalizado e, mais tarde, levado de transporte aéreo para Berlim, onde passou várias semanas em coma e vários meses reaprendendo a falar, escrever e andar. Nessa época, colaborou com a organização de jornalismo investigativo Bellingcat para descobrir o motivo de seu padecimento. Eles provaram que Navalny havia sido envenenado com uma variante de Novichok, um agente químico desenvolvido pelo Exército russo. Eles também provaram que a tentativa de assassinato foi obra de um grupo de agentes da FSB — a polícia secreta — que o seguia havia dois anos. Os mesmos agentes perseguiram o escritor Dmitry Bykov, que sobreviveu a um envenenamento em 2019, o político Boris Nemtsov, morto a tiros em 2015, e pelo menos mais três ativistas que morreram nos dois anos anteriores ao envenenamento de Navalny.

A FSB tinha uma divisão cujo trabalho era assassinar os opositores políticos de Putin. Agora havia evidências específicas disso:

os resultados dos exames de sangue de Navalny, os nomes dos autores do assassinato frustrado e até mesmo o que equivalia a uma confissão de um deles, feita em um telefonema a Navalny. Tudo isso era, enfim, prova incontestável da acusação para a qual eu havia apresentado evidências circunstanciais uma década antes neste livro — o regime de Putin mata seus críticos, na maioria das vezes envenenando-os.

Quando eu estava terminando este manuscrito, em 2011, durante protestos em massa sem precedentes na Rússia, uma frase cunhada por Navalny foi amplamente usada. Ele chamou o regime de "partido de ladrões e escroques". A frase me deixava desconfortável. Ela verbalizava a maneira como a maioria das pessoas parecia perceber o governo — mesquinho e obsceno, definido apenas por corrupção e ganância —, mas eu achava que essas palavras, curiosamente, também acabavam diminuindo a gravidade do que estava acontecendo. Meu maior problema com Putin não era que ele roubava e acumulava riqueza; era que ele matava pessoas, tanto travando guerras quanto encomendando assassinatos. Quando Navalny recuperou sua capacidade de falar, o questionei sobre isso em uma entrevista para a *New Yorker*: não era hora de parar de chamar Putin de escroque e começar a chamá-lo de assassino? Navalny disse que não: "Ele mata para proteger sua riqueza." Navalny acreditava que a ganância, e não a crueldade, era a característica que definia o regime.

Navalny retornou à Rússia em janeiro de 2021, foi detido na chegada e preso sob falsas acusações. O povo protestou e as autoridades aumentaram a repressão. Na primavera, os aliados mais próximos de Navalny pediram às pessoas que parassem com as manifestações, pois os riscos eram grandes demais e os benefícios, inexistentes: era evidente que Navalny permaneceria atrás das grades enquanto Putin estivesse no poder. Enquanto isso, as autoridades baniram a organização de Navalny: todos os seus principais ativistas estavam exilados ou presos. A repressão continuou até o fim de 2021, em uma escala sem precedentes. Veículos de comunicação independentes e jornalistas autônomos foram declarados

"agentes estrangeiros" e muitos deles também tiveram que fugir do país. Qualquer protesto, num sentido convencional, tornou-se impossível: as pessoas estavam começando a ser presas por postar sobre as manifestações em redes sociais, ou sobre meras reuniões, sem gritos ou cartazes.

Em 21 de fevereiro de 2022, Putin foi à televisão fazer um discurso longo e desconexo, no qual alegava que a Ucrânia não era um Estado de verdade — em sua versão da história, era uma ficção criada por Vladimir Lênin no rescaldo da Revolução Russa — e que seu governo não passava de um bando de fantoches nacionalistas radicais ocidentalizados, que oprimiam a população de etnia russa e falantes de russo em seu território. Três dias depois, a Rússia invadiu a Ucrânia em escala total. Aviões russos bombardearam Kiev, Cracóvia, Odessa, Lviv e outras cidades. Tanques e tropas russas ocuparam Kherson, Mariupol, Chernigov e os subúrbios de Kiev. Quando, em abril de 2022, foram forçados a recuar da capital, deixaram para trás valas comuns e ruas repletas de cadáveres de pessoas executadas à queima-roupa, com as mãos amarradas às costas.

Ficou evidente que a mais recente e mais dura repressão na Rússia tinha sido a preparação para o que estava acontecendo agora, durante a nova guerra. Uma semana após o início da invasão em escala total, todos os meios de comunicação independentes que restavam foram fechados ou no mínimo bloqueados na Rússia; a Duma aprovou uma lei que tornou crime, punível com até quinze anos de prisão, divulgar informações "falsas" sobre o que o governo estava chamando de "operação especial" na Ucrânia — chamar a guerra de "guerra" agora poderia resultar em cadeia. Milhares de pessoas foram presas por protestar contra a guerra, embora "protestar" seja um exagero: elas eram detidas apenas por ficar de pé à noite, em silêncio, na praça Pushkin, em Moscou; ou presas por realizar piquetes de uma pessoa só, o que costumava ser uma maneira permitida (mesmo que solitária) de protestar. A maioria dos meus amigos e pelo menos 250 mil de russos fugiram do país, per-

seguidos por uma sensação de vergonha e impingidos pelo medo de que não seriam autorizados a ir embora se esperassem mais. Jornalistas, líderes de ONGs, professores universitários — as pessoas que foram embora constituíam a sociedade civil russa, como era até então.

Estive em Moscou e em Kiev nas semanas anteriores ao início da invasão em escala total. Ninguém, em nenhuma das duas cidades, parecia acreditar que era possível — não tanto porque desconfiasse das evidências, mas sim porque a perspectiva de guerra era literalmente inacreditável. E continuou a ser inimaginável, impensável mesmo depois de ter começado. Meus amigos na Rússia começaram a se referir a Putin como "o maluco". A pergunta que ouvi com mais frequência de colegas ocidentais foi "Putin está doido?". Assim como a pergunta que o havia seguido durante pouco mais da primeira década de sua presidência — "Quem é o Sr. Putin?" —, era falaciosa. Desde o início, Putin nos disse quem ele era. Grande parte deste livro é sobre isso, sobre o que podemos e devemos aprender ouvindo o que ele escolheu contar ao mundo sobre si mesmo.

Ele também revelou ao mundo o tipo de universo em que vive. É um universo no qual a Rússia tem sido continuamente humilhada desde o colapso da União Soviética, que Putin chamou de "a maior catástrofe geopolítica de nosso tempo". Quando o presidente estoniano Lennart Meri se referiu à União Soviética como "ocupantes" em um evento da União Europeia em 1994, em Hamburgo, Putin, então um burocrata alocado em São Petersburgo, levantou-se e saiu da sala. Vinte e oito anos depois, o agora presidente iniciou uma guerra para reocupar a Ucrânia — e seu governo criminalizou o uso de termos como "ocupação", "invasão" e "guerra". Em seu universo, Putin não é nada além de coerente.

Ele não só nos disse o tempo todo que seu objetivo era restaurar a glória imperial perdida da Rússia, mas também foi claro sobre os meios para tal. Este livro descreve sua ascensão ao poder, depois ao protagonismo e então a uma potência maior ao travar uma nova

guerra na Chechênia em 1999. Tendo coberto essa guerra, não me surpreendeu ver exatamente as mesmas fotografias que chocaram o mundo quando saíram de Bucha. Eu tinha visto tropas russas mirarem em civis de forma deliberada e sistemática. Tinha coberto desaparecimentos, execuções sumárias e estupros. Tinha visto cidades e vilarejos reduzidos a esqueletos de concreto, e também soldados e oficiais serem enaltecidos por cometerem crimes de guerra. Era assim que a Rússia travava uma guerra.

Enquanto Putin se preparava para invadir a Ucrânia, os Estados Unidos ameaçaram com sanções. Elas pareceram espetaculares no começo. Em poucos dias, a Rússia foi isolada do sistema financeiro ocidental, e as grandes corporações — de McDonald's e Coca-Cola a Apple e IKEA, aos fabricantes de carros, trens e aviões — foram retiradas da Rússia. O desemprego aumentou, o rublo entrou em colapso e, apesar do controle do governo sobre a mídia, algumas compras de atacado geradas por pânico se seguiram. A maioria dos russos — aqueles que gastam a maior parte de sua renda em alimentos — sentiu os efeitos devastadores das sanções na hora: o custo de vida disparou vertiginosamente e medicamentos essenciais desapareceram das farmácias. Mas então o rublo pareceu se recuperar, principalmente porque a tábua de salvação do regime é a exportação de gás e petróleo, não o comércio multinacional. Os líderes da Europa Ocidental disseram que abrir mão do gás russo seria impossível — com isso, queriam dizer que seria muito caro. Só muito lentamente os europeus ocidentais e os Estados Unidos começaram a trabalhar para cortar as compras de energia russa. No momento em que escrevo, a perspectiva de que isso aconteça é vaga e distante. Se a Rússia não conseguir vender gás e petróleo ao Ocidente, sua economia será enormemente golpeada — mas isso não vai deter Putin. Ele continuará com a guerra não importa o custo, em dinheiro e vidas humanas. Navalny estava enganado: brutalidade, dominação, poder ilimitado são os objetivos finais de Putin; a riqueza é apenas os despojos e os meios para tal.

A retórica pública em torno das sanções ocidentais à Rússia promove outra suposição equivocada: de que a pressão econômica

pode acelerar a queda do regime. Mas os russos não vão se erguer e derrubar o governo, tanto porque manifestações são uma reação improvável às dificuldades econômicas em um Estado totalitário quanto porque elas seriam brutalmente reprimidas. As elites provavelmente também não vão dar um golpe no palácio, porque o regime de Putin é semelhante a um clã da máfia, em que os ricos, quando espremidos, saem correndo para ver quem chega mais perto do chefão e não conspiram para derrubá-lo. Nada disso é novidade. Putin nos disse e nos mostrou quem é e que tipo de sistema construiu; a maioria dos líderes e da mídia ocidentais se recusou a ouvir e a ver. Agora Putin está destruindo a Ucrânia, demolindo a ordem de segurança pós-Segunda Guerra Mundial e ameaçando uma guerra nuclear. Se ainda parece inacreditável, é porque nos recusamos a tomar conhecimento do que pode ser conhecido.

Tbilisi – Nova York
Abril de 2022

PRÓLOGO

Acordei com alguém me sacudindo. Era Kate, que, pela cara, parecia apavorada. "Estão falando sobre Galina no rádio", sussurrou. "E uma arma, acho… Não entendi direito."

Levantei da cama e, aos tropeços, cheguei à minúscula cozinha, onde Kate preparava o café da manhã e ouvia a Echo Moskvy, a melhor rádio de notícias do país. Era uma manhã de sábado, clara e fresca, nada comum para um mês de novembro em Moscou. Não dei muita importância: por algum motivo, o medo de Kate não me impressionou. O que quer que tivesse ouvido — ou, com seu russo capenga, pensado ouvir — talvez fosse o começo de outra grande reportagem. Como correspondente-chefe da *Itogi*, a principal revista informativa russa, eu acreditava que todas as grandes reportagens eram meu território. E havia muito o que reportar. Em um país que estava se inventando, cada cidade, família e instituição era, de certo modo, um terreno inexplorado. O ano era 1998. Desde meados dos anos 1990, quase tudo o que eu escrevia era inédito: passava metade do tempo fora de Moscou, percorrendo zonas de conflito e minas de ouro, orfanatos e uni-

versidades, vilas abandonadas e prósperas cidades produtoras de petróleo, para relatar suas histórias. Em troca, a revista, cujo proprietário era o mesmo magnata por trás da Echo Moskvy, jamais questionava minha extravagante agenda de viagens e frequentemente estampava minhas reportagens na capa.

Em outras palavras, eu fazia parte da juventude que conquistou tudo nos anos 1990. Pessoas mais velhas ou mais novas do que eu pagaram caro pela transição. A geração anterior perdera suas economias para a hiperinflação e sua identidade para a aparente destruição de todas as instituições soviéticas. A geração posterior crescia à sombra do medo e, muitas vezes, do fracasso dos pais. Mas, quando a União Soviética entrou em colapso, eu tinha apenas 24 anos e, ao lado de meus colegas, passara a década de 1990 construindo uma carreira e o que pensávamos que fossem os rumos e as instituições de uma nova sociedade. Mesmo quando crimes violentos se tornaram uma aparente epidemia na Rússia, nós nos sentíamos particularmente seguros: observávamos e às vezes descrevíamos o submundo da criminalidade sem sequer imaginar que ele pudesse afetar nossa existência. Além disso, eu tinha certeza de que as coisas só iriam melhorar: tinha acabado de comprar um antigo e dilapidado apartamento comunal bem no coração de Moscou e agora o reformava antes de deixar o pequeno apartamento que alugava com Kate, uma editora inglesa que trabalhava em uma publicação do ramo petrolífero. Eu já sonhava com a família que formaria em meu novo lar. E, justo naquele sábado, tinha combinado de sair com o mestre de obras para comprar os materiais para o acabamento do banheiro.

COM UMA EXPRESSÃO HESITANTE, Kate apontou o aparelho de som como se fosse uma fonte tóxica. Galina Starovoitova, cujo nome o locutor repetia sem parar, além de integrar a Câmara Baixa do Parlamento russo e ser uma das mais conhecidas figuras políticas do país, era também minha amiga. No fim dos anos 1980, quando o império se equilibrava à beira do colapso, Starovoitova, etnógrafa de

formação, se tornou uma ativista a favor da democracia e a principal porta-voz do povo de Nagorno-Karabakh, um enclave armênio no Azerbaijão que, àquela altura, estava mergulhado no primeiro de muitos conflitos étnicos armados que marcariam a dissolução do bloco oriental. Como vários outros acadêmicos que se voltaram para a política, Galina pareceu conquistar fama da noite para o dia. Embora tivesse vivido em Leningrado praticamente desde que nascera, o povo da Armênia a indicou como candidata nas primeiras eleições (quase) democráticas ao Soviete Supremo e, em 1989, ela foi eleita por uma avassaladora maioria. Ali, passaria a liderar o Grupo Inter-regional, uma facção minoritária pró-democracia, cuja liderança incluía também Andrei Sakharov e Boris Yeltsin. Assim que Yeltsin chegou à presidência da Rússia, em 1990 — àquela altura um cargo solene e, até mesmo, cobiçado —, Galina se tornou sua mais íntima colaboradora, assessorando-o oficialmente em questões étnicas e extraoficialmente em todo o resto, inclusive em nomeações governamentais. Em 1992, Yeltsin cogitava a nomeação de Galina para o ministério da Defesa. A escolha de uma mulher civil cujos ideais beiravam o pacifismo para o cargo de ministra seria um gesto grandioso da parte de Yeltsin, bem ao estilo clássico que o caracterizou no início dos anos 1990, uma mensagem de que nada seria como antes na Rússia e, talvez, no mundo.

Essa ideia de transformação total estava no cerne da agenda de Galina: uma agenda radical até mesmo para os padrões dos ativistas pró-democracia daquele início dos anos 1990. Com um grupo pequeno composto de advogados e políticos, ela se empenhou, em vão, em levar o Partido Comunista da URSS ao banco dos réus. Foi também autora de um projeto de lei a respeito da *lustratsiya* (lustração),[1] palavra derivada do antigo termo grego para "purificação", um conceito que despontava nos países do antigo bloco oriental para se referir ao expurgo dos cargos públicos dos antigos agentes do Partido e da polícia secreta. Em 1992, ela tomou conhecimento de que a KGB reorganizara internamente o Partido[2] — uma violação explícita ao decreto sancionado por Yeltsin que bania o Partido Comu-

nista russo após o malogrado golpe de agosto de 1991.[3] Em julho de 1992, durante um evento público, Galina tentou discutir esse fato com o presidente. Ele a ignorou de forma rude, indicando, assim, tanto o fim do período de Galina em sua administração quanto a crescente postura conciliatória que vinha assumindo em relação aos serviços de segurança e aos comunistas renitentes que se mantinham próximos ou dentro do poder. Alijada da administração, Galina se mobilizou, sem sucesso, a favor da lei da lustração e, por fim, abandonou de vez a política russa e partiu para os Estados Unidos, onde inicialmente trabalhou no Instituto pela Paz em Washington e, em seguida, lecionou na Universidade Brown.

A PRIMEIRA VEZ QUE VI GALINA, na verdade, nem pude conversar com ela. Galina estava cercada por centenas de milhares de pessoas que, em 28 de março de 1991, reuniram-se na praça Maiakóvski em Moscou para uma manifestação de apoio a Yeltsin. Pouco tempo antes, o presidente soviético Mikhail Gorbachev havia repreendido Yeltsin em público, além de baixar um decreto proibindo protestos na cidade.[4] Naquela manhã, tanques tomaram as ruas e se posicionaram de modo a dificultar o acesso às manifestações em favor da democracia. Em resposta, os organizadores dividiram o evento em dois para facilitar o acesso das pessoas a pelo menos um dos locais. Era minha primeira visita a Moscou depois de dez anos fora do país e, por acaso, estava ficando no apartamento de minha avó próximo à praça Maiakóvski. Devido ao bloqueio na rua Tverskaya, cruzei alguns pátios e, de repente, depois de atravessar uma arcada, lá estava eu bem no meio da multidão. Nada via além da parte de trás de cabeças e da sucessão de casacos de lã, cinza ou pretos praticamente idênticos. Ouvia, porém, a voz retumbante de uma mulher falando a respeito da inviolabilidade do direito constitucional à liberdade de reunião. Ao meu lado, um homem segurava uma sacola plástica amarela e a mão de uma criança.

— Quem está falando? — perguntei.

— Starovoitova — respondeu ele.

Naquele momento, a mulher puxou um coro de quatro sílabas, que reverberava por toda a cidade: "Rús-sia! Yel-tsin!" Em menos de seis meses, a União Soviética entraria em colapso e Yeltsin se tornaria o líder de uma nova Rússia democrática. Para muitas pessoas, inclusive para mim, isso parecia inevitável naquele dia de março, quando a população de Moscou desafiou o governo comunista e seus tanques para se fazer ouvir em praça pública.

Não lembro exatamente quando conheci Galina pessoalmente, mas nossa amizade teve início no ano em que ela começou a lecionar na Universidade Brown: ela era uma convidada frequente na casa de meu pai nos arredores de Boston; eu vivia entre os Estados Unidos e Moscou, e Galina se tornou para mim uma espécie de mentora em questões relacionadas à política russa, embora por vezes ela insistisse em dizer que tinha se convertido à vida acadêmica. Essa insistência cessou quando, em dezembro de 1994, Yeltsin lançou uma ofensiva militar contra a república separatista da Chechênia: àquela altura, seus assessores aparentemente tinham lhe assegurado que os insurgentes poderiam ser subjugados sem demora ou esforço pelas forças federais. De imediato, Galina compreendeu que aquela nova guerra estava fadada ao fracasso e que seria uma verdadeira ameaça à democracia russa. Alguns meses depois, ela partiu para os Urais a fim de presidir um congresso que pretendia ressuscitar o partido político do qual fazia parte, a Rússia Democrática, que, em outros tempos, fora a maior força política do país. Cobri o congresso para o mais importante jornal russo da época, mas a caminho da cidade de Chelyabinsk — uma viagem que exigia três ou quatro horas de voo, seguidas de mais umas quatro a bordo de um ônibus — sofri um assalto. Cheguei a Chelyabinsk por volta da meia-noite, ainda sentindo o susto e sem um tostão. Esbarrei em Galina no saguão do hotel: ela tinha acabado de chegar de um longo dia de reuniões tensas. Antes que eu pudesse abrir a boca, ela me levou para seu quarto, pôs um copo de vodka em minhas mãos e se sentou próximo à mesa de centro envidraçada para preparar

alguns sanduichinhos de salame para mim. E ainda me emprestou o dinheiro para a passagem de volta a Moscou.

É claro que Galina nutria por mim um afeto maternal — eu tinha a mesma idade que o filho dela, que foi morar com o pai na Inglaterra pouco depois de a mãe se tornar uma figura política de destaque —, a cena dos sanduíches, porém, revelava algo mais: em um país onde os modelos políticos iam do comissário de casaco de couro ao *apparatchik* decrépito, Galina buscava se apresentar como uma pessoa inteiramente nova, uma figura política que também se mostrava humana. Durante uma conferência feminista na Rússia, ela chocou a plateia ao levantar a saia para mostrar as pernas, tentando desmentir um político que a tinha acusado de ter as pernas arqueadas. Em uma das primeiras revistas de moda do país, desabafou sobre a dificuldade que alguém muito acima do peso, como ela, tinha na hora de comprar roupas. Ao mesmo tempo, cumpria sua agenda legislativa com fervor e obstinação. No fim de 1997, por exemplo, tentou uma vez mais a aprovação de sua lei da lustração, e novamente fracassou. Em 1998, empenhou-se pessoalmente em uma investigação[5] sobre o financiamento das campanhas de alguns de seus mais poderosos adversários políticos, inclusive do líder comunista que presidia a Duma, a Câmara Baixa do Parlamento. (Nesse período o Partido Comunista retornara à legalidade e reconquistara popularidade.)

Perguntei-lhe por que tinha decidido voltar à política, quando sabia muito bem que jamais poderia recuperar a influência de outros tempos. Em várias ocasiões, tentou me responder, sempre hesitante quanto à própria motivação. Até que me ligou do hospital onde seria submetida a uma cirurgia. Pouco antes da anestesia, procurando a melhor maneira de expressar a visão que tinha da própria vida, encontrou uma imagem apropriada: "Há um antigo mito grego sobre as harpias. Essas criaturas são sombras que só adquirem vida se beberem sangue humano. A vida de um professor universitário é a vida de uma sombra. Só quando participa da construção do futuro, ainda que de uma pequena parcela dele — e

é disso que a política trata —, é que uma dessas sombras ganha vida. Mas, para isso, precisa beber sangue, inclusive o próprio."

SEGUI O OLHAR FIXO DE KATE até o aparelho de som, que estalava de leve, como se estivesse se esforçando para emitir as palavras. O locutor informava que Galina tinha sido assassinada a tiros horas antes, na escada do prédio onde morava em São Petersburgo. Havia chegado de Moscou naquela mesma noite e, na companhia do assessor legislativo Ruslan Linkov, deu um pulo na casa dos pais, antes de seguir para seu apartamento no canal Griboiedov, uma das ruas mais belas da cidade. Chegando ao prédio, encontraram a escada às escuras. À espera dela, os atiradores haviam retirado as lâmpadas. Apesar da escuridão, os dois começaram a subir, enquanto discutiam o processo que um partido nacionalista movia contra Galina. Seguiram-se, então, um estampido e um clarão, e a voz de Galina emudeceu.

"O que estão fazendo?", gritou Ruslan e correu para o ponto de onde tinham partido a luz e o som. Os dois tiros que vieram em seguida o atingiram.

Aparentemente, Ruslan desmaiou por alguns minutos e, quando recuperou a consciência, pegou o celular e ligou para um jornalista, que avisou a polícia. Agora a voz que emanava do rádio afirmava que Galina estava morta e Ruslan, que a conhecia e estimava, encontrava-se no hospital em estado grave.

SE ESTE LIVRO FOSSE UM ROMANCE, minha personagem provavelmente largaria tudo ao ouvir a notícia da morte da amiga e, consciente de que sua vida tinha mudado para sempre, correria porta afora para fazer algo — qualquer coisa que estivesse à altura daquele momento. Na vida real, raramente reconhecemos quando nossa vida muda de rumo ou sabemos como agir quando tragédias se abatem sobre nós. Naquele dia, saí para comprar os materiais para o acabamento do banheiro de meu novo apartamento. Foi só quando

o mestre de obras que estava comigo perguntou "Você viu o que aconteceu com Starovoitova?" que caí em mim. Lembro que olhei para as minhas botas e para a neve cinzenta, pisoteada por milhares de possíveis proprietários.

"Ela havia nos contratado para construir uma garagem", continuou ele. Não sei bem por quê, mas naquele instante, quando pensei que minha amiga nunca mais precisaria daquela garagem, o susto, o desemparo e a fúria me abateram. Entrei no carro, segui para a estação de trem e embarquei para São Petersburgo a fim de escrever a história do assassinato de Galina Starovoitova.

Nos anos seguintes, eu passaria semanas a fio em São Petersburgo para desvendar mais uma história que ninguém ainda havia contado — mas uma história maior que qualquer outra que eu já tivesse escrito, maior até que a do assassinato a sangue-frio de uma das mais conhecidas personalidades políticas da Rússia. O que encontrei em São Petersburgo, a segunda maior metrópole do país, foi uma cidade que era um Estado dentro do Estado. Um lugar onde a KGB — organização contra a qual Starovoitova travara sua mais importante e desesperada batalha — reinava onipotente. Os políticos e jornalistas locais acreditavam, possivelmente com razão, que seus telefones estavam grampeados e que havia escutas em seus escritórios. Um lugar onde o assassinato de políticos e empresários importantes era algo corriqueiro. Um lugar onde uma negociação malograda podia levar alguém para a cadeia. Em suma, a cidade antecipava o que seria a Rússia dali a alguns anos, assim que fosse governada pelas mesmas pessoas que comandavam São Petersburgo na década de 1990.

Nunca descobri quem encomendou o assassinato de Galina Starovoitova (os dois homens que anos depois foram condenados pelo crime eram apenas matadores de aluguel), nem o motivo. O que descobri foi que, ao longo dos anos 1990, enquanto jovens como eu construíam vidas novas em um novo país, um mundo paralelo ao nosso tomava forma. São Petersburgo havia preservado e aperfeiçoado muitos dos principais traços do Estado soviético: era

um sistema de governo que trabalhava para aniquilar seus inimigos — um sistema paranoico e fechado que se empenhava em controlar tudo e eliminar qualquer aspecto que escapasse desse controle. Era impossível determinar o que levara ao assassinato de Starovoitova justamente porque o fato de se posicionar como inimiga do sistema a tornara uma mulher condenada e marcada para morrer. Já percorri muitas zonas de guerra e trabalhei sob fogo cerrado, mas esta é a história mais assustadora que escrevi até hoje: nunca antes a descrição de uma realidade tão fria e cruel, tão clara e impiedosa, tão corrupta e completamente destituída de remorso se impôs a mim.

Em poucos anos, toda a Rússia vivenciaria essa mesma realidade. Como isso foi possível é a história que contarei neste livro.

Um

O PRESIDENTE ACIDENTAL

Imagine ter um país e ninguém para governá-lo. Essa era a situação que Boris Yeltsin e seu círculo de colaboradores pensavam enfrentar em 1999.

Havia algum tempo, Yeltsin andava doente. Tinha sofrido vários ataques cardíacos e passado por uma cirurgia cardiovascular logo após ser eleito para um segundo mandato, em 1996. A maioria das pessoas acreditava que ele bebia demais, algo comum e facilmente reconhecível na Rússia, embora os mais próximos insistissem que as crises de desorientação e eventuais licenças não decorriam da bebida, mas sim de antigos problemas de saúde. Qualquer que fosse o motivo, Yeltsin parecia um pouco desnorteado e chegou a desaparecer durante algumas visitas oficiais, deixando seus partidários arrasados e seus eleitores desapontados.

Em 1999, com baixíssimos índices de popularidade, Yeltsin não passava de uma sombra do político que já fora. Ainda empregava várias das artimanhas que o distinguiram, marcando inesperados encontros políticos, alternando períodos de maior e menor interferência do governo na economia, beneficiando-se estrategi-

camente de seu carisma, mas agora lembrava mais um boxeador cego, dando golpes a esmo, na tentativa frustrada de atingir alvos imaginários, enquanto os reais se esquivavam.

Na segunda metade do segundo mandato, Yeltsin fez repetidas e frenéticas reformas no governo. Após ocupar o cargo por seis anos, o primeiro-ministro foi substituído por um desconhecido de 36 anos de idade, só para ser chamado de volta seis meses mais tarde e demitido outra vez em três semanas. Yeltsin enaltecia cada novo ocupante do cargo, mas, tão logo se desiludia, revelava seu desagrado publicamente, constrangendo tanto aquele que caía em desgraça quanto os que testemunhavam a demonstração de desafeto.

Quanto mais imprevisível se tornava, mais inimigos o presidente conquistava — e mais seus inimigos se uniam. Um ano antes do fim do segundo e último mandato, Yeltsin se encontrava no topo de uma pirâmide extremamente instável. Suas constantes reformas no governo eliminaram várias gerações de políticos valorosos; muitos ministros e diretores de agências do governo eram agora jovens medíocres que só haviam chegado ao topo por falta de melhores opções. Os aliados de confiança de Yeltsin eram tão poucos e formavam um grupo tão restrito que a imprensa os apelidou de "Família", da qual faziam parte a filha do presidente, Tatyana; seu chefe de gabinete, Alexander Voloshin; seu antigo chefe de gabinete, Valentin Yumashev (com quem Tatyana viria a se casar); outro antigo chefe de gabinete, o economista e pai da privatização russa Anatoly Chubais; e o empresário Boris Berezovsky. Daquela meia dúzia dos assim chamados oligarcas — os empresários que enriqueceram à sombra de Yeltsin e retribuíram o favor ao orquestrar sua campanha à reeleição —, Berezovsky era o único que se mantinha fiel ao presidente.

Por lei, Yeltsin não tinha direito a um terceiro mandato — na verdade, nem tinha condições de tentar —, e não lhe faltavam motivos para temer desavenças com seu sucessor. No momento, ele não era apenas um presidente impopular: era o primeiro político em quem os russos haviam confiado, e o desapontamento que sen-

tiam agora era amargo, tanto quanto fora inspirador o apoio que um dia lhe tinham dado.

O país estava arrasado, traumatizado, decepcionado. No final dos anos 1980, tinha vivenciado a esperança e a unidade, experiência que culminou em agosto de 1991, quando a população repeliu a junta militar que desafiara o governo Gorbachev. As pessoas depositaram sua fé em Boris Yeltsin, o único líder que chegara ao poder por meio de eleições livres em toda a história russa. Em troca, ganharam a hiperinflação que, em questão de meses, devorou as economias de toda uma vida; burocratas e empresários que roubavam do Estado e uns dos outros em plena luz do dia; e a desigualdade econômica e social em uma escala jamais vista. Para piorar, muitos — talvez a maioria dos russos — perderam qualquer sentimento de confiança no futuro e, com isso, o senso de unidade que os sustentara ao longo dos anos 1980 e início dos 1990.

O governo Yeltsin cometeu o grave erro de desconsiderar o sofrimento e o temor do país. Ao longo da década, Yeltsin, um verdadeiro populista, que andava de ônibus e subia em tanques — dependendo do que a ocasião pedisse —, foi aos poucos se retirando para um mundo impenetrável de limusines pretas e reuniões a portas fechadas.

Indicado para o cargo de primeiro-ministro no início da presidência de Yeltsin, o jovem e brilhante economista Yegor Gaidar, que veio para culminar a reforma econômica pós-soviética, deixou bem claro que considerava o povo estúpido demais para participar de qualquer debate a respeito das reformas. Abandonada por seus líderes nesse momento de dor, a população russa buscou consolo na nostalgia — não tanto na ideologia comunista, que havia esgotado seu potencial inspirador nas décadas anteriores, mas na esperança de reaver a condição de superpotência. Em 1999, o clima era de violência iminente e, por isso, Yeltsin e a Família estavam assustados, e com razão.

O sofrimento e a hostilidade têm o dom de cegar as pessoas. Assim, em grande parte, o povo russo esqueceu as conquistas efetivas obtidas durante a década de Yeltsin. Não obstante os inúmeros

erros cometidos ao longo do caminho, a Rússia alcançou sucesso nas privatizações — as maiores empresas privatizadas passaram por reformulações e se tornaram competitivas. Apesar do aumento da desigualdade, a maioria dos russos vivenciou uma ampla melhoria na qualidade de vida:[1] o número de residências com aparelhos de televisão, máquinas de lavar e geladeiras aumentou; o número de automóveis particulares dobrou; o número de turistas que viajavam ao exterior praticamente triplicou entre 1993 e 2000. Em agosto de 1998, a Rússia não conseguiu honrar suas dívidas, o que provocou um pequeno, mas significativo, salto na inflação. No entanto, a economia vinha crescendo desde então.

A mídia se desenvolvia a olhos vistos: em um período muito curto, os russos aprenderam a fazer televisão com apuro e sofisticação e também criaram uma enormidade de veículos impressos e promissoras publicações eletrônicas. Muitos — mas certamente não todos — dos problemas de infraestrutura do país foram sanados: trens interurbanos voltaram a trafegar no horário, os correios funcionavam, o número de residências com linhas telefônicas crescia. Uma empresa russa provedora de serviços de telefonia celular, fundada em 1992, abriu capital e disponibilizou suas ações na Bolsa de Nova York, obtendo bons resultados.

O governo, porém, parecia incapaz de convencer as pessoas de que as coisas estavam de fato melhores do que alguns anos antes — e certamente melhores do que na década anterior. O sentimento de incerteza que tomou conta dos russos desde que a União Soviética desmoronou debaixo de seus pés era tão grande que qualquer perda parecia confirmar suas expectativas mais sombrias, enquanto qualquer ganho se transformava em temor de perdas futuras. Yeltsin se apoiava apenas em seus métodos populistas: não era capaz de desafiar ou reformular as expectativas, nem de liderar o país na busca de novos ideais e de uma nova retórica. Podia apenas tentar entregar o que o povo queria.

E o povo não queria Yeltsin. Dezenas de milhões de russos o culpavam pelas dificuldades que enfrentaram ao longo dos dez anos

anteriores, pela perda da esperança e pelo esfacelamento de seus sonhos — até mesmo, aparentemente, pela juventude perdida — e o odiavam com absoluto fervor. Aquele que governasse o país após Yeltsin poderia facilmente conquistar popularidade se o processasse. O que o combalido presidente mais temia era que um partido político chamado Otechestvo-Vsya Rossiya (Pátria-Toda a Rússia; o nome, uma composição de duas legendas, também soa mal em russo), liderado por um ex-primeiro-ministro e vários prefeitos e governadores, chegasse ao poder e promovesse uma vingança contra a Família e o próprio Yeltsin — e que ele passasse os últimos dias de vida na cadeia.

Foi então que surgiu Vladimir Putin.

Nas palavras de Berezovsky, a Família procurava um sucessor, mas essa história está repleta de incongruências. Sitiado e distante, um pequeno grupo de pessoas buscava alguém para assumir o país mais extenso do mundo, com todas as suas ogivas nucleares e a sua trágica história — e a única coisa menor que o conjunto de candidatos era a lista de qualificações que se exigiam deles. Aqueles que tinham ambição e capital político efetivos e cuja personalidade era compatível com o cargo já haviam abandonado Yeltsin. Os candidatos eram todos burocratas medíocres.

Berezovsky alega que Putin era seu protegido. Segundo me contou, em sua mansão nos arredores de Londres — cumpri a promessa de esquecer o endereço assim que voltei à cidade —, conheceu Putin em 1990, quando buscava expandir seus negócios em Leningrado. Berezovsky abandonara a vida acadêmica por uma concessionária de automóveis que comercializava Ladas — o nome que os russos estampavam em um carro que era uma versão fajuta do ultrapassado Fiat 124. Além disso, importava carros usados da Europa,[2] e montava oficinas para consertar os produtos que vendia. Quando ajudou o empresário a abrir uma oficina em Leningrado, Putin, que àquela altura assessorava o presidente da Câmara Municipal, Anatoly Sobchak, recusou-se a receber propina — o que bastou para que Berezovsky se lembrasse dele.

"Ele foi o primeiro burocrata a recusar suborno",[3] assegurou-me o oligarca. "De verdade. Isso me impressionou."

Berezovsky costumava "passar" no escritório de Putin sempre que ia a São Petersburgo. Dada sua personalidade frenética, é bem possível que durante essas visitas o oligarca irrompesse no escritório, falasse sem parar e partisse sem dar muita atenção à reação do interlocutor. Quando conversamos, ele não conseguia se lembrar de nada que Putin tivesse dito.

"Mas eu o considerava uma espécie de aliado", confidenciou. Ele ficou impressionado quando Putin, promovido a vice-prefeito de São Petersburgo durante o mandato de Sobchak, recusou, mais tarde, um cargo na nova administração, após a fracassada tentativa de reeleição do ex-prefeito.

Quando se mudou para Moscou, em 1996, para assumir um cargo administrativo no Kremlin, os dois estreitaram a convivência no exclusivo clube que Berezovsky mantinha no centro da cidade. O empresário se aproveitou de seus contatos para bloquear o tráfego diante do clube, praticamente usurpando uma quadra inteira de uma rua residencial. (Pela lei, os moradores dos vários prédios de apartamentos daquela rua não podiam mais ir de carro até a própria residência.)

Mas, no início de 1999, Berezovsky era um homem acuado — como o resto da Família, só que em maior escala. De todos, era o único que prezava a posição que ocupava na sociedade moscovita. Enredado em uma luta desesperada (e aparentemente perdida) pelo poder contra o ex-primeiro-ministro Yevgeny Primakov, que liderava uma aliança política anti-Yeltsin, Berezovsky se tornara uma espécie de pária.

"Lembro que era o aniversário de minha mulher, Lena", contou-me. "E decidimos não convidar muitas pessoas para que ninguém tivesse que se indispor com Primakov. Eram apenas alguns amigos. Então meu segurança me avisou: 'Boris Abramovich, Vladimir Vladimirovich Putin chegará em dez minutos.' 'O que aconteceu?', perguntei. 'Ele deseja dar os parabéns a Lena.' Dez minutos depois, ele chegou com um buquê. 'Volodya,[4] para que isso? Você já

tem problemas demais. Por acaso está querendo chamar atenção?' 'Estou, sim', foi a resposta. E foi assim que consolidamos nossa amizade. Primeiro, a recusa ao suborno. Depois, a negativa de abandonar Sobchak. Por fim, esse episódio, que deixou claro que ele era um homem bom e direto — sem dúvida, um homem da KGB, mas ainda assim um homem." Isso tocou fundo em Berezovsky.

Berezovksy tinha a mesma origem dos demais empresários russos. Como eles, era inteligente, culto e ousado. Como a maioria, era judeu, o que o tornara um estranho no ninho desde a infância. Como todos, tinha uma ambição incomensurável e uma energia infinita. Depois de obter um doutorado em matemática, ingressou no mundo dos negócios com uma empresa de importação e exportação de automóveis e serviços mecânicos. Beneficiando-se da hiperinflação, ele basicamente subtraiu milhões de dólares do maior fabricante de automóveis da Rússia.[5] Na primeira metade dos anos 1990, entrou no ramo dos bancos, mantendo um pé no mercado automobilístico; associou-se a uma grande empresa petrolífera;[6] e, principalmente, assumiu a Televisão Pública Russa, ou Canal 1, o mais assistido do país — o que lhe abriu as portas de 98% das residências do país.

Como outros oligarcas, financiou a campanha para a reeleição de Yeltsin em 1996. Ao contrário dos demais, explorou sua influência para participar de inúmeros encontros políticos. Viajou por todo o país, costurando alianças, negociando um acordo de paz na Chechênia e aproveitando os holofotes. Fez questão de cultivar uma imagem de homem poderoso, certamente exagerando sua influência e acreditando em muitas das histórias que contava, sugeria ou dava a entender sobre si mesmo. Gerações sucessivas de correspondentes internacionais na Rússia acreditaram que Berezovsky era a eminência parda do país.

NINGUÉM É MAIS MANIPULÁVEL do que aquele que superestima a própria influência. Enquanto a Família procurava o futuro líder da Rússia, iniciou-se uma série de encontros entre Berezovsky e Putin.

Àquela altura, Putin era o chefe da polícia secreta russa. Yeltsin tinha eliminado, um após o outro, os mais importantes dirigentes do país. Todos sofreram com isso, e o Serviço Federal de Segurança (FSB) — como era conhecido o agora sucessor da KGB — não foi exceção. A crer em sua palavra, foi Berezovsky quem levou o nome de Putin a Valentin Yumashev, chefe de gabinete de Yeltsin.

"Eu disse: 'Temos Putin, que já fez parte dos serviços secretos, não fez?' E Valya respondeu: 'Fez.' Então eu disse: 'Olha, acho que é uma opção. Afinal, é nosso amigo'. E Valya comentou: 'Mas a patente dele era muito baixa.' E eu disse: 'Veja bem, estamos vivendo uma revolução, está tudo muito confuso, então…'"

Essa descrição do processo de tomada de decisão para a indicação do chefe da principal agência de segurança de uma potência nuclear é tão absurda que me faz acreditar na veracidade da conversa. De fato, a patente de Putin era baixa: ele era tenente-coronel quando passou à reserva, sendo em seguida automaticamente promovido a coronel. Mais tarde alegaria que, quando assumiu o FSB, ofereceram-lhe as estrelas de general, mas ele declinou a honraria.

"Não é preciso um general para comandar um bando de coronéis", foram as palavras de sua esposa para explicar aquela decisão. "É preciso alguém que tenha competência."[7]

Competente ou não, Putin estava inseguro quando assumiu o novo cargo no FSB. Logo nomeou companheiros da KGB da época de Leningrado para postos elevados na estrutura federal. Nesse meio-tempo, não se sentia seguro, nem mesmo no próprio escritório: sempre que recebia a visita de Berezovsky, os dois conversavam no poço de um elevador desativado atrás da sala de Putin; esse era o único lugar no prédio em que o coronel acreditava que suas conversas não seriam gravadas. Nesse cenário desolado e disfuncional, Berezovsky se encontrava quase todos os dias com Putin para conversar sobre a disputa com o antigo primeiro-ministro Primakov — e, por fim, sobre a possibilidade de ele chegar à presidência da Rússia. De início, o potencial candidato se mostrou cético, mas disposto a ouvir. Certa vez, Putin distraidamente fechou a porta

que separava o poço do saguão em frente ao escritório e os dois ficaram presos. Putin precisou esmurrar a parede para que alguém viesse libertá-los.

Enfim, Berezovsky, que acreditava piamente estar falando em nome do país, decidiu tentar convencê-lo. Em julho de 1999, pegou um avião para Biarritz, no sudoeste da França, onde Putin passava as férias.

"Liguei para avisá-lo de minha chegada", recordou-se. "Disse que desejava encontrá-lo para discutir um assunto muito importante. Quando cheguei, encontrei Putin, a mulher e as duas filhas, que ainda eram muito novas, em um condomínio de apartamentos bastante modesto. Parecia um *flat* desses bem baratos. Uma cozinha pequena e um ou dois quartos. De fato muito modesto."

Àquela altura, o grupo de milionários russos, do qual Putin sem dúvida fazia parte, estava acostumado a passar férias em mansões gigantescas na Côte d'Azur. Por isso a surpresa de Berezovsky diante das sóbrias acomodações de Putin.

"Passamos o dia inteiro conversando. Por fim, ele disse: 'Tudo bem, não custa tentar. Mas você sabe que o próprio Boris Nikolayevich [Yeltsin] é quem precisa me fazer o convite.'"

Aquilo parecia uma antiga piada judaica. Um casamenteiro procura um velho alfaiate para discutir a possibilidade de arranjar o casamento de sua filha mais nova com o herdeiro do império dos Rothschild. O alfaiate faz muitas objeções: ele não pretende casar a mais nova antes da primogênita, não deseja que ela se mude para longe de casa, nem acredita que a devoção dos Rothschild esteja à altura de sua filha. O casamenteiro rebate todos os impedimentos com um único argumento: afinal, estava falando do herdeiro da fortuna dos Rothschild. Por fim, o velho alfaiate cede. "Excelente", comemora o casamenteiro. "Agora só preciso conversar com os Rothschild."

Berezovsky tratou de tranquilizá-lo:

"Eu disse: 'O que é isso, Volodya? Foi ele que me mandou aqui para ter certeza de que não haveria nenhum mal-entendido. Assim, quando ele o procurar, você não vai dizer, como fez tantas

vezes, que não vai aceitar.' Então ele concordou. Voltei a Moscou e relatei nossa conversa a Yumashev. E, pouco depois — não me lembro exatamente quantos dias —, Putin voltou a Moscou e se encontrou com Boris Nikolayevich. E Boris Nikolayevich teve uma reação estranha. Eu me lembro pelo menos de uma coisa que ele me disse: 'Parece-me um bom homem, mas um tanto baixinho.'"

A filha de Yeltsin, Tatyana Yumasheva, tem outra versão dessa história. Ela lembra que, na ocasião, Voloshin, o chefe de gabinete do pai, discutiu a questão com Chubais, um ex-chefe de gabinete: ambos concordavam que Putin era uma boa escolha para a sucessão, mas Chubais não acreditava que o Parlamento russo o confirmaria como primeiro-ministro. Enquanto ambos apresentavam suas opiniões a Yeltsin, Berezovsky viajou a Biarritz para fazer a proposta, pois queria que Putin e o resto da nação acreditassem que era ele quem estava indicando o sucessor.

No entanto, como os outros participantes do processo de seleção presidencial, Tatyana Yumasheva lembra o pânico com que viam a situação política e o futuro do país.

"Chubais acreditava[8] que a Duma não confirmaria o nome de Putin. Haveria três votações e, então, ocorreria a dissolução do Parlamento.[9] Comunistas, aliados a [o ex-premiê] Primakov e [o prefeito de Moscou, Yuri] Luzhkov, conquistariam uma sólida maioria nas eleições seguintes — até mesmo, talvez, uma maioria constitucional. Depois disso, o país estaria a um passo da catástrofe e poderia descambar para uma guerra civil. Na melhor das hipóteses, teríamos um regime neocomunista, ligeiramente adaptado a condições mais modernas. Os negócios, porém, seriam outra vez estatizados, as fronteiras, fechadas, e muitos veículos de imprensa, amordaçados."

"A situação beirava a catástrofe", como descreveu Berezovsky. "Tínhamos perdido muito tempo e também nossa vantagem estratégica. Primakov e Luzhkov se organizavam por todo o país. Cerca de cinquenta governadores [de um total de 89] já se haviam alinhado a seu movimento político. E Primakov era um monstro que desejava desmantelar tudo o que havia sido conquistado naqueles anos."

Se enxergava a situação como desesperadora, por que a Família via Putin como um salvador? Chubais afirmou que ele era o candidato ideal. Era evidente que Berezovsky acreditava que aquela era uma escolha brilhante. Quem eles pensavam que Putin era e por que acreditavam que estava qualificado para governar o país?

TALVEZ O DETALHE MAIS ESTRANHO na escalada de Putin ao poder seja o fato de que as pessoas que o colocaram no trono pouco sabiam a seu respeito. Berezovsky me disse que jamais o considerou um amigo ou uma pessoa interessante — uma afirmação contundente vinda de um homem tão inquieto que tende a atrair qualquer pessoa com ambição intelectual para sua órbita com firmeza e entusiasmo e consegue mantê-la ali graças a puro magnetismo. O fato de Berezovsky não achar que valesse a pena atrair Putin para junto de si sugere que ele nunca percebeu uma centelha de curiosidade no outro. Porém, quando considerou a possibilidade de Putin suceder a Yeltsin, ele parecia acreditar que as mesmas qualidades que o mantiveram distante agora o tornavam o candidato ideal: aparentemente destituído de personalidade e ambição pessoal, Putin seria ao mesmo tempo maleável e disciplinado. Berezovsky não poderia estar mais enganado.

Chubais, por sua vez, conheceu Putin quando trabalhou como assessor econômico do prefeito Sobchak, em São Petersburgo. Putin tinha acabado de assumir a função de vice-prefeito. Chubais considerou o primeiro ano de Putin na prefeitura particularmente difícil. Sempre questionador, Putin havia demonstrado uma energia e uma curiosidade incomuns. Em novembro de 1991, Chubais deixou São Petersburgo para participar do governo em Moscou e suas primeiras impressões permaneceram inalteradas.

E o que Boris Yeltsin sabia a respeito de seu iminente sucessor? Sabia que era um dos poucos homens que se mantiveram fiéis a ele. Sabia também que pertencia a outra geração: ao contrário de Yeltsin, de seu inimigo Primakov e de seu exército de governa-

dores, Putin não fez carreira no Partido Comunista, portanto não precisou, com o colapso da União Soviética, mudar de discurso político. Até a aparência era outra: sem exceção, todos aqueles homens eram troncudos e davam a impressão de estar sempre mal-ajambrados. Esbelto, baixo e já adepto de elegantes ternos europeus, Putin se assemelhava muito mais à nova Rússia que Yeltsin prometera ao povo dez anos antes. O presidente também sabia, ou julgava saber, que Putin não permitiria que o processassem ou o perseguissem após a aposentadoria. E, se ainda tivesse um pouco do antigo tino político, deveria saber que os russos adorariam aquele homem que herdariam e que, por sua vez, herdaria aquele povo.

Todos podiam atribuir àquele homem inexpressivo e comum as características que bem desejassem.

Em 9 de agosto de 1999, Boris Yeltsin nomeou Vladimir Putin primeiro-ministro da Rússia. Uma semana depois, uma vasta maioria da Duma o confirmou no cargo: ele se mostrou tão amável, ou ao menos tão incensurável, quanto Yeltsin havia intuído.

O homem sem rosto é o relato aterrorizante de como um agente mesquinho do baixo escalão da KGB ascendeu à presidência da Rússia e, em um tempo surpreendentemente curto, foi capaz de destruir anos de progresso, transformando o país em uma grave ameaça não só para seus próprios cidadãos, mas também para o mundo, a liberdade e a democracia.

Em 1999, parecia não haver ninguém para governar a Rússia. Com a saúde de Boris Yeltsin cada vez mais debilitada e a queda de sua popularidade, a escolha do desconhecido Vladimir Putin como sucessor do então presidente parecia perfeita para a oligarquia russa: poderiam moldá-lo em benefício da própria agenda. Com ajuda dos corruptos apoiadores de Yeltsin, Putin — um jovem que até então vivera nas sombras, sonhando em governar o planeta — de repente se torna uma figura pública e sua popularidade dispara. A Rússia e o Ocidente pareciam cegos, determinados a ver nele o líder progressista de seus sonhos, mesmo quando, já no poder, Putin assume o controle da mídia nacional, perpetrando crimes e assassinatos contra rivais e críticos políticos, e destrói o frágil sistema eleitoral do país, concentrando o poder nas mãos de seus comparsas.

Masha Gessen conta em primeira mão todos os detalhes e nuances dessa complexa história, e, nesta nova edição, com prefácio inédito, situa o livro no momento atual da Rússia — de repressão e agressão a entidades internacionais. Certamente, um livro que se consolida como um clássico da não ficção narrativa.

SAIBA MAIS:

https://www.intrinseca.com.br/livro/1197/